

# INOVAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA ADMINISTRAÇÃO: INTERDISCIPLINARIDADE X INTERDISCIPLINARIDADE.

Tânia Maria da Cunha Dias\*  
Alameda das Espatódias, 915 – Caminho das Árvores  
Salvador / BA  
(71) 2738535 – (71) 2738525  
E-mail: dcsa1@unifacs.br

*“Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência,  
eu o sei a partir de minha visão ou de minha experiência do mundo  
sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada.”<sup>1</sup>*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo é fruto de estudos teóricos, conforme a bibliografia que o suporta complementado de observações realizadas em alguns cursos de Administração que propõem em seus projetos pedagógicos a implantação da interdisciplinaridade como proposta.

Neste trabalho, procura-se compreender o contexto do mundo atual e o que é a interdisciplinaridade sob o ponto de vista de alguns autores, além de tentar entender como a interdisciplinaridade vem sendo implantado em alguns cursos para atender às demandas atuais do ensino da Administração.

## Do Contexto

Partindo-se do pressuposto de que a educação tem por objetivo desenvolver o potencial criativo dos indivíduos para que possam viver como cidadãos nas suas sociedades, pode-se estabelecer como funções preliminares da educação: o desenvolvimento das habilidades potenciais dos indivíduos; o ensino das ciências, das artes e das técnicas e a transmissão dos valores sociais, através de doutrinas, para que sejam cidadãos úteis e ajustados.

Em Roma, uma sociedade que era estruturada por leis e códigos o atendimento das funções da educação era realizado pelo *trivium*, que formava os indivíduos através do ensino da gramática, retórica e dialética e pelo *quadrivium* que formava-os através da matemática, música, geometria e astronomia, para tarefas que exigiam conhecimentos científicos.

No século XVII, o método cartesiano ordena o conhecimento em disciplinas, decompondo o todo em partes, na pretensão de chegar à verdade através da ciência.

---

\* Doutoranda em Educação pela UFBA, Mestra em Administração pela UFBA, Chefe de Departamento, Conselheira do CONSUNI, pesquisadora do G&E e professora da graduação e pós graduação da Universidade Salvador - UNIFACS

<sup>1</sup> (MERLEAU-PONTY, 1999:3)

Nos tempos atuais, na chamada era da globalização, exige-se um contexto empresarial inovador e altamente competitivo, com as relações entre as nações potencializadas, gerando a queda das barreiras políticas, culturais e econômicas que através da história do homem teimam em afastar as nações Dias (1999). Faz-se necessário, portanto, que se operem, cada vez mais os avanços tecnológicos e que os capitais circulem sem fronteiras.

Dentro deste contexto, também necessita-se de novos processos de organização da produção e do trabalho, da automação e racionalização organizacional.

Segundo Ianni (1992) e (1994), a globalização nada mais é que um jogo de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, integração e contradição, soberania e hegemonia, que configuram o mundo como uma totalidade fragmentada e em movimento, complexa e problemática.

O processo de globalização avança, ao tempo em que se acentua o esgotamento do modo de produção taylorista/fordista, modo de produção este, que se encarregou de desapropriar os trabalhadores do seu saber fazer, dos seus conhecimentos, transformando-os em meros instrumentos de produção que não devem pensar ou tomar decisões, mas apenas agir mecanicamente, sem crítica ou reflexão.

Os trabalhadores, no modo de produção taylorista/fordista, devem dominar apenas o fragmento de sua especialidade, como uma pequena engrenagem de uma grande máquina compostas de partes que se interligam e completam.

Para recompor o processo de acumulação do capital que se esgotava a partir das últimas décadas do século passado, novas estratégias tiveram que ser desenvolvidas e uma delas, usada em grande escala foi a apropriação dos conhecimentos científico e tecnológico pelas empresas.

O conhecimento tecnológico que foi acumulado até o terço final do século passado, permitiu que fossem desenvolvidos novos modelos de produção cada vez mais desatrelados do padrão taylorista/fordista, o que garantiu novas formas de acumulação capitalista.

No plano político, o Estado mínimo foi apresentado como a única forma de solução dos problemas de todas as sociedades, deste chamado “mundo globalizado”. É como se o Estado tivesse funções universais desarticuladas das sociedades que os gestam. O foco dos problemas das sociedades é deslocado, não está mais nas formas de organização do Estado, prega-se, então, o fim das ideologias. Todas as discussões, estão centradas no mercado que tornou-se o elemento de integração e inclusão de indivíduos e sociedades.

O racionalismo científico, como analisa Bourdieu (1998), passa a imperar no mundo como instrumento de dominação, uma nova ideologia – a ciência -, justificando que algumas nações passem a agir como se tivessem o monopólio da razão, gerando uma coerção econômica legitimada por razões jurídicas no plano neoliberal.

Enquanto conformava-se o novo modelo do Estado neoliberal, surgiram novos modelos de gestão, a exemplo da onda de Gestão da Excelência, na década de 80 do século passado, proposta por Peters e Waterman (1984).

A Gestão da Excelência determinava que se tivesse nas empresas empregados com um novo perfil. O antigo perfil taylorista de empregado que não pensava e não decidia não é mais capaz de atender às necessidades das empresas que implantaram a gestão da excelência. Os novos trabalhadores têm que cumprir as normas, aderir ao projeto da empresa, colaborar participativamente, ter iniciativa e ainda gerar mudanças e inovação que venham a beneficia-la.

Este novo perfil pretendido, com certeza, não seria o perfil de um empregado, mas o de alguém que atingiu um estágio de perfeição, quem sabe um deus, tanto que Aktouf (1995) chega a conclusão de que este profissional perfeito seria, em realidade, não mais um homem e sim um verdadeiro deus.

Na área da Administração, a Teoria das Organizações apresenta novas teorias, ou teorias velhas de roupagem nova, fala-se de organizações de aprendizagem, de empreendedorismo, de cultura organizacional, de autonomia, de criatividade, de flexibilização, de inovação, de configuração de redes como estratégias competitivas para a sobrevivência das empresas no mercado globalizado e muitas outras.

Dessa forma, os cursos de Administração passaram a ter que preparar, não mais os profissionais eficientes, ou os quase deuses das épocas do taylorismo e da excelência, mas, têm que preparar cidadãos flexíveis, criativos, que convivam com mudanças, tenham capacidade de autogerir-se, de articular-se nas redes e que tenham a habilidade de aprender a aprender para toda a vida.

Os novos profissionais de Administração têm que, ao mesmo tempo, atender às exigências do mercado local e do global, os administradores dos novos tempos têm que ser “glocais”<sup>2</sup>, “local e globalmente focalizados” Kilmnik, (1998).

O novo modelo de produção, chamado de pós fordista, trouxe um processo de contradição, pois em vez de aumentar em número e expandir o poder da classe trabalhadora propiciou o aumento do subproletariado, reduziu o operariado industrial e aumentou tanto o trabalho precário como o desemprego estrutural, incorporou de forma massiva o trabalho feminino, assalariou o setor de serviços, antes em grande parte autônomo, e excluiu drasticamente do mercado os mais velhos e os mais jovens, todo este movimento levou a acentuar-se o processo de “heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora” (ANTUNES, 1995:42).

Por seu lado, a classe empresaria, neste novo modelo passou a incorporar os modismos da administração, pois as sociedades necessitam agora de um trabalhador empregável, com maior qualificação. Pois, a lógica do capitalismo permanece igual, ou seja, a de produzir o máximo de mercadorias com o máximo de mais-valia. A ciência e a tecnologia, que são o capital morto, passam a ser a base da competitividade empresarial gerando a redução do capital vivo - do número de

---

<sup>2</sup> Expressão usada para dar conta daquilo que apesar de estar identificado com o local pertence ao global. Verificar (Canevacci, 1996)

empregos – das empresas. Para sobreviver a classe trabalhadora tem que ser polivalente. Dias (1999).

A preparação de gestores e trabalhadores para atender este processo de produção levou a que as políticas e atividades ligadas à educação tivessem que adaptar-se às necessidades de mercado ganhando competitividade produtividade e qualidade, passando a perceber-se como ecossistemas.

Com o processo de globalização e a expansão do neoliberalismo e o emprego dos novos processos de produção a realidade parece torna-se mais fragmentada e complexa, para a sua apreensão necessitasse cada vez mais de especialistas que possam compreender e dar conta de cada especificidade desta realidade, porém, sem perder de vista a visão do fragmento no todo. Pois, os aspectos desta realidade só podem ser conhecidos e refletidos se apreendido dentro do seu contexto, com todas as suas inter-relações, pois a “realidade é uma uma vez que todos os seus aspectos são interdependentes, não têm significado próprio e sim no contexto de que fazem parte” (LÜCK, 1999:65).

Percebe-se na realidade pós-moderna, como é chamada por alguns autores, a configuração de um novo processo de realidade. Um processo que é complexo, multifacetado, pluricultural, plurilingüístico, multifuncional. Para que se possa apreender este novo processo é requerido o desenvolvimento de novas habilidades para apreendê-la em toda a sua grandeza sistêmica.

Desta necessidade surgem novos modismos e novos conceitos, um deles é o da interdisciplinaridade que tem sido tão mal compreendido e aplicado.

### **Disciplinaridade**

As diversas formas de perceber e conhecer para Dias (1999) são privilegiadas conforme um dado contexto e uma dada configuração social. Pois, o método que se escolhe para conhecer serve sempre para realimentar as estruturas de poder de uma dada sociedade.

A epistemologia positivista produz currículos<sup>3</sup> com a lógica de fragmentação em disciplinas, que são formas de saber estruturados conceitualmente e têm objeto de estudo próprios, desde os tempos de Galileu.

As disciplinas que são

*“o conjunto específico de conhecimentos que possui características próprias no plano de ensino, da formação, dos mecanismos, dos métodos e das matérias” (WEIL, 1993:33);*

ou ainda,

*“o conjunto específico de conhecimentos de características próprias obtidos por meio do método analítico, linear e*

---

<sup>3</sup> “é o conjunto de estratégias para se atingir as metas maiores da educação”(D’AMBROSIO, 1999:16)

*atomizador da realidade, produz um conhecimento aprofundado e parcelar” (LÜCK, 1999:38)*

permitem a construção do conhecimento linearmente que se fragmenta vez em mais uma nova disciplina, sempre que se tenta aprofunda-lo.

Segundo Krasilchik (1998) para que se tenha uma disciplina será necessário a constituição de uma comunidade que estabeleça uma rede comum de comunicações, crie uma tradição, que inclua o domínio de um conhecimento e determine uma forma de investigar e uma estrutura conceitual que lhe seja próprio.

Para Popper uma disciplina é determinada *“por sua comunidade, pelo conjunto de cientistas que se reconhecem mutuamente como pares, como especialistas da mesma especialidade” (DUTRA, 2000:86).*

O saber disciplinar, ou seja, “conjuntos de modos de explicar (saber), de manejar (fazer), de refletir, e prever comportamentos e fenômenos, e dos métodos e normas associados a esses modos. Os modos, os métodos e as normas são organizados segundo critérios próprios e específicos e constituem a epistemologia da disciplina” (D’AMBRÓSIO, 1999:25), foi durante muito tempo a forma de conhecer que permitiu o maior fortalecimento e dessa forma a manutenção dos centros de poder dentro das sociedades modernas.

Mantendo o conhecimento separado do seu conhecedor, o sujeito do objeto e principalmente corroborando com a lógica da fragmentação do homem – em o homem que sabe, que detém o como fazer e o homem que faz, dissocia-se duas pontas do mesmo processo, o saber do fazer, a ciência da tecnologia. Dias (1999) permitiu-se a manutenção dos valores sociais.

O saber disciplinar a medida em que é aprofundado gera a especialização levando o especialista a acumular conhecimentos lacunar, não dominando nem mesmo uma área específica do conhecimento.

### **Interdisciplinaridade**

O movimento que tenta religar os conhecimentos fragmentados pela epistemologia positivista, disciplinar, surge na segunda metade do século XX, na Europa. Como uma oposição à alienação da academia às questões relacionadas com a organização curricular altamente especializada e enviesada em uma única direção, a lógica do capitalismo.

É no campo das ciências humanas que a interdisciplinaridade desenvolve-se, em especial na historiografia, Domingues (2001) dá conta do registro, 1959, do adjetivo Interdisciplinar, pela primeira vez, em um dicionário francês.

Esse movimento de rejeição dos conhecimentos, foi muito forte na França, levando até ao movimento de “MAIO de 68”, que teve um cunho marxista e encaminhou suas discussões sobre as questões da historicidade como fundamento das ciências

e do humanismo. Também, levou, ao surgimento, nas últimas décadas do século passado, de alguns conceitos de interdisciplinaridade tais como:

*“da síntese de duas ou mais disciplinas, instaurando um novo nível de discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais” (WEIL, 1993:31).*

A interdisciplinaridade

*“diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra” (BASARAB, 2000:15)*

Ou ainda, conforme a visão de Lück para quem a interdisciplinaridade

*“corresponde à necessidade de se superar a visão fragmentadora de produção de conhecimento, como também de articular e produzir coerência entre os múltiplos fragmentos que estão postos no acervo de conhecimentos da humanidade... esforço no sentido de promover a elaboração de síntese que desenvolvam a contínua recomposição da unidade entre as múltiplas representações da realidade” (LÜCK, 1999:59).*

Este conceito é o que se privilegia neste estudo, tendo em vista sua abrangência permitir não só a articulação e integração de conteúdos de disciplinas de um currículo, mas principalmente por permitir a sua síntese (novo conhecimento) e dessa forma a superação dos conhecimentos que são atinentes a cada uma das disciplinas. Acredito que o conceito proposto por Lück rompe mesmo com a dicotomia dos papéis atribuídos no processo de ensinar e aprender, onde o ensinar é visto como a

*“mera transmissão (ensino teórico e aulas expositivas) de explicações e de teorias e no adestramento (ensino prático com exercícios repetitivos) em técnicas e habilidades”*

e o aprender como

*“a aquisição de capacidade de explicar, de apreender e compreender, de enfrentar criticamente situações novas. Não é o mero domínio de técnicas, habilidades e muito menos a memorização de algumas explicações e teorias” (D’AMBRÓSIO, 1999:89)*

### **Interdisciplinaridade x Interdisciplinaridade**

No transcurso da última década do século XX as inovações no processo educativo passaram a requerer a atenção dos profissionais da área, os educadores passaram a dedicar-se à construção de novos projetos para o ensino que pudessem dar conta desse paradigma epistemológico emergente .

A interdisciplinaridade passa a ser discutida e até mesmo aplicada sem que muitos de nós tenhamos feito uma investigação ou uma reflexão epistemológica que permita a superação de paradigmas até então correntes nas nossas atividades de professores.

Como já pontuou Dias (1999), tanto as organizações de ensino como a política educacional nos dias de hoje procuram adequar-se às exigências das sociedades globais ou, como preferem alguns autores, do mercado. No Brasil, partem das organizações a exigência por um ensino que forme profissionais polivalentes “empregáveis” e do MEC a pelos padrões de qualidade que em última análise também vão atender ao mercado.

A aferição dos padrões de qualidade é feita através da implantação de formas diversas, por parte do Estado, de avaliação, tais como:

- Exame Nacional de Cursos “Provão”, implantado em 1996 que, deve aferir a qualidade do estudante que as IES estão colocando no mercado;
- Avaliação das condições de ensino.

Os dois instrumentos acima mencionados procuram pontuar a qualidade dos projetos pedagógicos que vêm sendo implantados nos cursos superiores no país, ministrados em universidades ou em faculdades independentes, a qualidade do quadro docente e a efetividade desses projetos, quadros docentes além das condições técnicas e físicas.

Pode-se afirmar que a introdução do “Provão” trouxe novas propostas de projetos pedagógicos onde os currículos de caráter meramente disciplinares tenderam a ser discutidos.

As próprias diretrizes curriculares, que estão sendo propostas afastam-se dos modelos de currículos mínimos, adotados até então que eram construídos tendo como base as matérias que desdobravam-se em disciplinas, mantendo, portanto, a lógica do paradigma cartesiano, da racionalidade científica que gera uma visão de mundo mecanicista.

A visão de mundo mecanicista não permite que se dê conta da complexidade da nova realidade, levando a novas fragmentações disciplinares, na tentativa de apreende-la e de estabelecer processos de mudanças que não gerem desequilíbrios nem mudanças de valores nas sociedades.

A realidade é um todo complexo sistêmico e ao mesmo tempo multidimensional, onde todos os seus aspectos e níveis estão interligados e são interdependentes, assim, nenhum aspecto da realidade tem significado em si e por si, pois o próprio significado é fruto do contexto que faz parte. Daí a necessidade de superar-se o paradigma disciplinar por um a novo paradigma que permita a apreensão da complexidade da realidade como um todo sistêmico e não mais como partes separadas de uma máquina .

Na tentativa de superar as deficiências curriculares e conseguir bons indicadores de qualidade, em grande medida bons conceitos no “Provão”, a interdisciplinaridade

passa a ser adotada no ensino da administração como um instrumento capaz de reunir todo o conhecimento ministrado ao aluno durante um curso que é desenvolvido dentro de uma lógica meramente disciplinar que, muitas vezes, utiliza-se de estratégias ou ferramentas pluri ou multidisciplinar, tais como trabalhos de grupo, justapondo os conteúdos de várias disciplina sem que se desenvolva um esforço de provocar uma síntese, sem que se consiga articular os diversos saberes de forma integrada, deixando esta tarefa por conta e risco apenas de cada um dos alunos, ou fazendo-se só através dos temas transversais.

Nesta perspectiva os educadores deparam-se diante de um empasse, o da interdisciplinaridade “versus” interdisciplinaridade. A implantação da interdisciplinaridade como a solução de todos os males e o milagre para o processo do ensino aprendizagem. Observa-se que apesar da relativa escassez de estudos teóricos sobre o tema afloram no mercado os consultores, especialistas no ensino interdisciplinar.

Trazendo a nós educadores perguntas que teimam em inquietar-nos tais como:

- a criação de uma nova disciplina, dentro do mesmo e velho currículo disciplinar pode propiciar realmente a interdisciplinaridade?
- A criação de “temas transversais” é suficiente para que tenhamos a interdisciplinaridade?

Será que a interdisciplinaridade é apenas um instrumento que permite o atingimento de bons indicadores de qualidade ou se caracteriza como um novo método de ensino aprendizagem que permite a construção de novos conhecimentos, articulados entre os fragmentos de todo conhecimento acumulado pela humanidade.

Sabe-se que o conhecimento é necessário para que se viva melhor e, dessa forma, que ele tem caráter instrumental. Também sabe-se que conhecimento e a educação relacionam-se *“O conhecimento e a educação estão tradicionalmente relacionados de forma a tomarmos o primeiro como base do segundo”* (DUTRA, 2000:14).

Acredita-se mesmo que deva existir uma certa hierarquia que permita a otimização da aprendizagem através de algumas estratégias criadas pelo educador, assim o educador terá que conhecer as teorias sobre cognição, que definem como as pessoas aprendem, para que ensine de modo a fazer com que as pessoas aprendam. Então, a educação seria o final de uma cadeia que inicia-se com o conhecimento. Aprende-se adquirindo-se conteúdos - conhecimentos. É bom que fique claro que esta é considerada uma visão tradicional do processo de ensino aprendizagem, pois, é certo que a aquisição de novos conhecimentos criam a possibilidade de modificar os conhecimentos até então construídos, além de modificar os processos de aprendizagem de quem adquire os novos conhecimentos ou o conhecimentos sobre as formas de aprender das pessoas.

*“aprender não é apenas – nem principalmente – apropriar-se de conteúdos, mas modificar o comportamento”* (DUTRA, 2000:15).

Assim, pode-se dizer que aprender é enfrentar a realidade sob um outro prisma, é encontrar novas soluções para um mesmo problemas.

Retomo, então a interdisciplinaridade. Será que ela é responsável por reunir o conhecimento das várias partes de uma máquina, mantendo a mesma visão de mundo mecanicista da disciplinaridade, ou para que se tenha uma aprendizagem interdisciplinar estes conhecimentos têm que ser religados coerentemente, formando um único sentido e serem sintetizados em um sistema permitindo uma nova representação da realidade não mais como uma máquina, mas de como um ecossistema.

O conhecimento é, então, a idéia que temos sobre as coisas, sobre o mundo e que segundo Popper está sempre em progresso no sentido de encontrar representações mais próximas da verdade do mundo.

Assim, aprender não pode ser a recepção passiva de das informações que são transmitidas, mas sim um processo ativo desde a própria seleção onde o indivíduo que aprende investiga, reflete, incorpora e muda sua visão de mundo a medida que aprende.

Pensado-se em Senge (1993) pode-se conceber a aprendizagem interdisciplinar como uma forma de construção do conhecimento em rede e não mais de forma linear, fragmentada em linhas, que se prendem apenas por elos que são capazes de interligar apenas duas disciplinas, mas que não permitem o desenvolvimento do raciocínio sistêmico. Pois esta visão global e sistêmica que procuramos só existirá quando articularmos uma forma de conhecer menos fragmentada que a atual, não mais linear e sim em rede. Senge (1993;23) provavelmente nos diria que só conseguiríamos atingir o nosso objetivo com o desenvolvimento do raciocínio sistêmico.

O documento ANGRAD (1996) define o perfil do profissional de administração, muito próximo ao apontado por Santomé (1998), como sendo aquele profissional que prioritariamente tenha uma

*“visão global e uma compreensão do todo, que saiba lidar bem com o transnacional, com os metassistemas, que seja criativo ágil e flexível, empreendedor, multifacetado, que tenham tido uma educação global, mas que esteja apto a participar de forma consciente e integrada da comunidade local, como bem caracteriza”*(SANTOMÉ, 1998:90).

### **Considerações Finais**

Como considerações finais quero apenas registrar mais uma inquietação. Como poderemos formar pessoas com uma nova visão de mundo visto se em realidade nossos currículos forem apenas maquiados, mas continuarem a trazer a lógica disciplinar fragmentada? Como faremos nosso corpo docente acreditar numa nova forma de ensinar e aprender se a direção das nossas instituições buscam apenas indicadores de qualidade?

É de fundamental importância que as Instituições de ensino Superior não usem a interdisciplinaridade como um modismo, ou um novo paradigma na educação, a ser seguido e copiado de qualquer maneira.

É necessário que promovam discussões que invistam em seus docentes desenvolvendo programas de capacitação e em pesquisas que permitam a construção de conhecimentos e de metodologia interdisciplinares que, revisem seus currículos promovendo a integração. Que as Diretrizes Curriculares contemplem esta proposta de construção não disciplinar como um elemento de vital importância para a formação dos profissionais que se almeja com uma visão global e sistêmica.

### **Referência Bibliográfica**

ANGRAD - Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração. Perfil e Habilidades do Administrado – PHAD/96\_ 1996.

AKTOUF, Omar. A administração da Excelência: da deificação do dirigente à reificação do empregado. In: Organização e Sociedade. Salvador: n.º 4, UFBA, 1995.

ANTUNES, R. Adeus ao Trabalho? – ensino sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

CANEVACCI, Massino. Sincretismo: Uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Stúdio Nobel. Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro – Instituto Italiano di Cultura, 1996.

D'AMBROSIA, Ubiratan. Educação para uma sociedade em transição. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

DIAS, Tânia Maria da Cunha. Baianas de Acarajé, Negócios Locais Negócio Globais. In: Pré-textos para discussão. Salvador: UNIFACS, v. 3, n.º 4, jan/jun 1998.

DOMINGUES, Ivan. (org.) Conhecimento e transdisciplinaridade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. , Anais do ENANGRAD. Foz do Iguaçu:1999.

DUTRA, Luiz Henrique de A Epistemologia da aprendizagem. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FAZENDA, Ivani C. A Interdisciplinaridade um projeto em parceria. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREITAG, Barbara. O outro lado da pós-modernidade. Dois Pontos, 1993/94.

IANNI, Octávio. A sociedade global. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

\_\_\_\_\_. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. São Paulo: Estudos avançados 8 (21), 1994.

KILIMNIK, Zélia Miranda. O papel estratégico da gerência de RH do contexto da globalização, IX ENANGRAD. São Paulo: 1998.

KRASILCHIK, Myrian. Interdisciplinaridade: Problemas e perspectivas. São Paulo: Revista USP n.º 39 set/nov, 1998.

LÜCK, Heloísa. Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos teórico-metodológicos. 6ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

SANTOMÉ, Jurfo Torres. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SENGE, Peter. A Quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem . São Paulo: Best Seller, 1993.

WEIL, Pierre, D'AMBROSIO, Ubiratan e CREMA, Roberto. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.